

Indústria Farmacêutica

*Carreiras médicas alternativas à
prática clínica*



ACTA MÉDICA PORTUGUESA

by •• STUDENT

Queremos com este conteúdo esclarecer os estudantes de medicina e médicos recém-formados acerca das carreiras alternativas à prática clínica.

A informação aqui apresentada foi recolhida e sistematizada pela equipa da AMP-Student, através da entrevista a médicos convidados, aos quais expressamos o nosso agradecimento por tão gentilmente se terem disponibilizado a participar nesta iniciativa.

Apresentamos em seguida o testemunho do

Dr. Diogo Magalhães

Global Medical Affairs Manager na Bial



Quando é que decidiu que não queria seguir a carreira médica clínica?

A ideia surgiu apenas no sexto ano, já durante os estágios clínicos. Percebi, através de familiares que trabalhavam na Indústria Farmacêutica (IF) e de alguns docentes do Departamento de Farmacologia da FMUP (onde estava a realizar um programa de investigação extracurricular), que havia lugar para médicos na IF. Comecei a estudar as carreiras, a procurar vagas e entusiasmei-me (este pequeno artigo foi a minha introdução: <https://doi.org/10.1136/bmj.a1456>). Decidi que queria explorar esse mundo antes de escolher a especialidade, por ser uma altura de baixo risco: o pior que poderia acontecer era atrasar a entrada no internato. A verdade é que superou as minhas expectativas e estou muito contente com a escolha.



Como surgiu a oportunidade de trabalhar onde está atualmente?

As farmacêuticas são empresas privadas e o processo de recrutamento depende das necessidades das companhias, currículos e entrevistas. O mercado de trabalho é dinâmico e há oportunidades crescentes para médicos. Tive a felicidade de encontrar a vaga certa em Portugal, na área de Assuntos Médicos (*Medical Affairs*).



Como é um dia de trabalho normal? Que funções desempenha?

A minha função atual é *Global Medical Affairs Manager* (gestor médico global). A área de *Medical Affairs* pertence geralmente ao Departamento Médico e engloba funções nacionais e internacionais/globais: *Medical Manager*, *Medical/Scientific Advisor*, *Medical Science Liaison (MSL)*, *Medical Communication Manager*, *Medical Information Manager*, *Head of MSL*, *Medical Director* e outras. A área de *Medical Affairs* (Assuntos Médicos) é responsável pela gestão científica e desenvolvimento de produtos já aprovados para comercialização.



Como é um dia de trabalho normal? Que funções desempenha?

Não há um dia típico enquanto Gestor Médico, quer nacional quer internacional – nem mesmo uma semana. Num mês, 1-2 semanas serão passadas fora do escritório em congressos, encontros com experts clínicos e reuniões de empresa. No escritório, o meu tempo divide-se em geração de evidência/publicações, preparação de sessões em congressos, treino científico a colegas, definição de estratégias de desenvolvimento de produto (incluindo planeamento e execução de ensaios clínicos de fase IV) e pareceres a outros departamentos: investigação, desenvolvimento, regulamentar, legal ou business. Finalmente, *Medical Affairs* é também responsável por assegurar que as iniciativas comerciais estão cientificamente corretas, equilibradas e de acordo com os códigos deontológicos da indústria farmacêutica – o que significa rever todos os materiais promocionais antes de serem disponibilizados aos profissionais de saúde.



Como é feita a progressão na sua carreira?

A progressão é baseada no mérito, experiência e oportunidades que vão surgindo. Há possibilidade de fazer percursos em estruturas nacionais e internacionais, mas no geral a carreira evolui no sentido de posições de liderança e gestão de equipas, quer dentro dos departamentos médicos e de investigação, quer em estruturas mais comerciais e eventualmente cargos de administração. De qualquer modo, a fluidez dentro da IF é grande: é possível transitar entre as áreas de investigação pré-clínica e clínica, *medical affairs*, farmacovigilância e *business development* com relativa facilidade, bem como mudar de área de conhecimento (por exemplo: primeiro oncologia, depois endocrinologia, a seguir sistema nervoso central).



Permite uma boa conciliação entre vida pessoal e profissional?

Há uma preocupação geral dos empregadores em proporcionar esse bom equilíbrio aos seus colaboradores. A maior parte das posições médicas exige viagens nacionais e internacionais frequentes (20-30% do tempo de trabalho), por vezes ao fim-de-semana, e picos de trabalho intensos. No entanto, há uma compensação em dias de férias, não se fazem noites completas nem turnos de 24 horas e existe habitualmente flexibilidade de horário.



Quais os pontos fortes e fracos desta carreira?

Os pontos fortes são a capacidade de melhorar os cuidados de saúde em larga escala (pela investigação e apoio aos colegas clínicos com ferramentas e informação útil), a forte componente científica (estudo, produção, publicação), a facilidade de transitar de área de conhecimento e funções, as oportunidades de progressão de carreira, exposição a novas experiências e a qualidade de vida (equilíbrio pessoal-profissional e retribuição).

Os pontos fracos são a perda de contacto com os pacientes (a dedicação exclusiva é a regra na indústria), a menor segurança laboral (é um setor privado) e a grande dificuldade de explicar qual é o nosso trabalho à família e amigos.



O que é que, na sua opinião, torna esta carreira mais apelativa que a prática clínica “convencional”?

A prática clínica é absolutamente essencial para o país, mas todos conhecemos as dificuldades e desgaste diário que os colegas enfrentam nos hospitais e cuidados primários: horas extraordinárias, listas intermináveis, falta de material, burocracia e remuneração não adequada. Na indústria, os empregadores preocupam-se com os médicos que contratam e dão-nos condições para trabalhar e progredir na formação e carreira. Para além disso, é uma área onde se faz ciência de ponta, muito estimulante do ponto de vista intelectual, e permite contribuir para a saúde populacional sob um prisma diferente e de longo alcance.



Que oportunidades existem para os jovens médicos nesse ramo?

O papel das funções médicas na IF está em claro crescimento, acompanhando a maior importância da produção e comunicação científicas – o mercado de trabalho é dinâmico e por isso as oportunidades existem, nomeadamente na área de *Medical Affairs*. As companhias estão recetivas a receber jovens médicos e dar-lhes oportunidade de desenvolver um percurso de sucesso, porque o conhecimento e competência que um médico traz para a organização é valioso. Existem vários programas de estágios de alta qualidade que são verdadeiras rampas de lançamento de carreiras. No entanto, tenhamos consciência que é um mercado internacional: embora Lisboa ofereça algumas oportunidades, no Porto são escassas e devemos estar preparados para assumir cargos noutras cidades europeias a qualquer momento da carreira, especialmente nos primeiros anos.



Que qualificações são necessárias para conseguirmos ingressar nesta carreira?

Atualmente, ser médico é “suficiente”. No entanto, estou convencido que nos próximos anos o doutoramento será uma graduação cada vez mais necessária. Por outro lado, a experiência clínica/especialização numa determinada área de conhecimento são um excelente passaporte para cargos nesse campo. Para além disso, qualificações em disciplinas transversais como epidemiologia, bioestatística, ensaios clínicos ou farmacologia clínicas são valorizadas. Uma vez dentro do mercado de trabalho, a experiência é o parâmetro mais determinante, porque muitas competências são apenas obtidas *on the job*.



Como é que nos podemos ir preparando ao longo do curso se quisermos seguir esse caminho?

Não há um perfil definido – depende da função a que nos candidatamos e da cultura da empresa. Para *Medical Affairs*, as empresas procuram candidatos com espírito crítico, responsabilidade, iniciativa e liderança, gosto pelas relações interpessoais, capacidade de apresentação e, simultaneamente, sólidos conhecimentos científicos. Organização e *multitasking* são requisitos! Por isso, atividades ao longo do curso que desenvolvam estas competências são trunfos numa entrevista: associação de estudantes; organização de eventos; Erasmus; docência, mesmo que voluntária; experiência de investigação básica ou clínica; cursos de bioestatística ou ensaios clínicos - no fundo, atividades que destaquem um jovem médico no meio de currículos semelhantes de recém-graduado em Medicina.